

O foco narrativo em *Angústia*: reflexões a partir da vida deteriorada

Doutorando José Helber Tavares de Araújo (UFPB)

Resumo:

Este estudo tem seu enfoque no “narrador parafuso” de Angústia, de Graciliano Ramos. No romance, o foco narrativo se instaura em determinados momentos através do fluxo de consciência do narrador Luís da Silva, sujeito atormentado e negativista, que possui uma relação intragável com o mundo exterior. A existência de Luís da Silva é radicalmente caracterizada pela visão desencantada do mundo e de si mesmo, sob uma profunda sensação de insulamento. Entre o ódio pelo bem-sucedido Julião Tavares e o amor frustrado por Marina, a narrativa de Luís da Silva é permeada de repetitivas digressões que concentra a ideia de uma narrativa em parafuso, como aponta Lúcia Helena Carvalho(1983): a figura do pai, a vontade de matar Julião Tavares, as memórias, delírios com a corda/cobra, a frustração intelectual. Esta série de ideias problemáticas em Angústia, que gira em torno do mundo interior do personagem, é determinante para o desequilíbrio temporal da estrutura narrativa, para a difusa progressão do enredo e para o comprometimento da relação realidade/aparência. Assim, partindo das noções adornianas de uma vida lesada, acredita-se que, em Angústia, o foco narrativo em fluxo introspectivo contínuo, sem coesão lógica, é representado estruturalmente, na obra, a partir de elementos mutilados que circulam a consciência do personagem Luís da Silva – este em estado de adversidade social e emocional. Parece que somente com esta condição é possível passar a indiciar um narrador em parafuso, pois o estado interior de Luís da Silva justificaria o desenvolvimento de oscilações do foco narrativo para fragmentos confusos e ideias em círculos espiralados.

Palavras-chave: Graciliano Ramos, Angústia, Adorno, Teoria Crítica

1. Introdução

Com *Angústia*, Graciliano Ramos passou a lidar com um foco narrativo mais instável e conturbado do que ocorreu anteriormente com seus romances – o foco tradicional de *Caetés* e o mais ríspido e direto de *São Bernardo*. O narrador Luís da Silva carrega o fardo de ser o último de uma linha familiar decadente e a consciência desta posição o torna negativista para consigo e para com o mundo. Sendo assim, a vida de Luís é muito marcada pela falta de sociabilidade. Em certo sentido, sua relação se reduz ao colega Moisés, a criada Vitória e ao vagamundo Ivo. No entanto, ao conhecer Marina, sua vizinha, Luís resolve manter um relacionamento a ponto de ficarem noivos. O desdém de Luís para com a personalidade fútil de Marina – que esvazia as economias daquele para o casamento - somado ao flagrante das investidas de Julião Tavares à noiva o impulsiona a desfazer a relação. Julião Tavares, que já era reprovado por Luís por muitos outros motivos, e Marina passam agora a ser objetos de ódio. Boa parte da narrativa é direcionada a observação, reflexão e perseguição dos dois, entrecortada por fortes lembranças de figuras do seu passado. Nestas perseguições, Luís descobre que Marina realiza um aborto de um filho depois de relações com Julião Tavares. Somando a sua misantropia, seu ódio por Julião cresce a ponto de assassiná-lo, ou supostamente

assassiná-lo. Isso porque o narrador dos fatos, Luís, em determinados momentos, está em uma condição questionável. É desta condição do foco narrativo e possíveis razões de ser do mesmo que este trabalho debruça-se.

Ora, na construção do personagem e narrador Luís da Silva, Graciliano instaurou no início do romance a condição ficcional de que o mesmo se encontrava em um período de convalescência. “Levantei a cerca de trinta dias, mas julgo que ainda não me restabeleci completamente” (RAMOS, 2009, p. 7) são as primeiras palavras do narrador, sem mais preocupação em descrever os motivos de seu padecimento. Somente ao longo do romance é que o leitor pode alcançar os reais motivos que levaram a situação de cama de Luís da Silva. Em outras passagens do texto, existe eventos similares em que se registra a falta de confiança na própria memória do narrador, como nestas duas registradas em momentos diferentes da narrativa: “há nas minhas memórias estranhos hiatos. Fixaram-se coisas insignificantes. Depois um esquecimento quase completo. As minhas ações surgem embaralhadas e esmorecidas, como se fosse de outra pessoa. Certos atos aparecem inexplicáveis” (RAMOS, 2009, p. 130) ou “Apareceram vozes na estrada. Vozes? Ou seria que eu estava tresvairando? Alucinação”(RAMOS, 2009, p. 246). Assim, há indícios de que no momento do tempo narrado e no tempo da narração, Luís da Silva não se reconhece em condições apropriado para dar seu testemunho. Na primeira situação, ao longo da exposição do enredo – a matéria lembrada – o momento presente em que vivenciou os eventos lhe eram turvos, devido a bebida, a febre, ao atordoamento físico e moral. Na segunda situação, a convalescência ainda lhe é incerta, a interpretação também é turva, a ponto de justificar incoerências, repetições e embaraços narrativos. Estes momentos oscilam ao longo de todo romance com momentos de lucidez que permitem o avanço do relato, até que a vivência narrada e o narrador entram em colapso de consciência narrativa, encerrando-se o romance.

Considerando que, na leitura do romance, muitos dos episódios narrados são impulsionados por uma situação social do indivíduo, pode-se compreender que a caotização da narrativa está atrelada ao foco narrativo difuso de Luís que, por sua vez, dialoga com as três características adornianas de “vida danificada” que se encontra em seus escritos: o esvaziamento dos fins humanos; a frieza e violência das relações; o anulamento do indivíduo pelo capitalismo.

2. Os ciclos de uma vida danifica

Com relação ao primeiro fator de deterioração que é o esvaziamento dos fins humanos do personagem, pode-se seguir algumas considerações realizadas por Carvalho (1893), quando ressalta que a ação do romance avança pouco, espiralando-se sobre si, em um sistema de ideias fixas, provavelmente deformadas, que atordoam Luís.

Solitário, suas intenções inicialmente se reportam a relação sexual com Marina, que logo desemborça no desejo de casamento, sem nenhuma demonstração mais convincente de um apreço maior por ela. Além de um tratamento brutalizado, aflige-lhe a retirada constante das suas finanças para bancar a união. Na verdade, um dos raros episódios que simbolizariam uma possível satisfação em torno de um objetivo de Luís ocorre quando resolve adquirir para Marina um relógio-pulseira e um anel com as últimas economias do banco. Ao chegar na porta de casa, encontra Julião Tavares em paqueras com Marina. Parece ser este momento o marco inicial de uma perda de pulsão progressiva, pois a partir deste episódio, Luís perde suas metas na vida, suas ações. Agora mero julgador do mundo, as memórias mais antigas passam a deturpar com mais frequência a reconstituição das situações que Luís narra, sem mais se preocupar necessariamente em se envolver em um projeto, de maneira que seus planos são quase passionais, impensados: “Tinha quase certeza de que, indo ao teatro, tudo se arranjará: Marina voltaria para mim, Julião Tavares se achataria, se desagregaria, como um pouco de azeite em água corrente”(RAMOS, 2009, p.154). A medida que a narrativa avança, a falta de propósito nas ações de Luís tem um progresso declínio a tal ponto que após seguir Julião Tavares e sua nova namorada, relata um trecho simbólico da extrema falência de propósitos:

Fui até o fim da linha de bonde e parei, como se me tivesse faltado a corda de repente. Aquelas duas extremidades de trilhos roubaram-me os movimentos e deram-me impressão desagradável. Esfreguei os olhos senti-me cansado. Até ali não havia experimentado nenhum cansaço. Teria andado léguas se os trilho avançassem para o interior, mover-me-ia regularmente como um bonde. Apenas não me deteria diante dos postes cintados de branco. Nessas marchas compridas a que me habituei - um, dois, um, dois - a fadiga adormece e quase não penso. Exatamente como se uma vontade estranha me dirigisse, um sargento invisível que se descuidasse do exercício e fosse pelo campo, embrutecido pela cadência - um, dois, um, dois - esquecido da voz de comando, pensando nos versos de um Julião Tavares ou nos bilhetes de outra Marina. (RAMOS, 2009, p. 228)

Como para Adorno o processo de individuação é também um processo de sociabilização, a situação de isolamento e desorientação a quais estágios chega Luís da Silva diz respeito também à situação social por ele vivida, isto é, o que ocorre ao seu redor cataliza o processo de nulificação das ações. O desastroso noivado com Marina, a posição social coerciva de Julião, o desprestígio social, econômico e familiar são elementos sociais que, para a teoria adorniana, possuem impactos diretos na subjetividade do sujeito. Na percepção do filósofo alemão, a autenticidade do sujeito se torna uma exigência moral do social, uma pressão para buscar as explicações lógicas no próprio indivíduo, sendo que esta pretensa autenticidade acaba ofuscando justamente o que só pode ser alcançada com a imersão nos processos sociais. Ora, a partir do momento que a relação com o mundo é renunciada, afastada, distanciada, para Adorno, há um empobrecimento do ser, uma falta de sensibilidade e uma confusão com os próprios valores se tornam evasivos.

Entre o verdadeiro objeto e o dado indubitável dos sentidos, entre o interior e o exterior, abre-se um abismo que o sujeito tem que vencer por sua própria conta e risco. Para refletir a coisa tal como ela é, o sujeito deve devolver-lhe mais do que recebe. O sujeito recria o mundo fora dele a partir dos vestígios que o mundo deixa em seus sentidos: a unidade da coisa em suas múltiplas propriedades e estados; e constitui deste modo retroativamente o ego, aprendendo a conferir uma unidade sintética, não mais as impressões externas que se separaram pouco a pouco daquelas. (...) Todavia, mesmo como ego objetivado de maneira autônoma, ele só é o que o mundo-objeto é para ele. A profundidade interna do sujeito não consiste em nada mais senão a delicadeza e a riqueza do mundo da percepção externa. Quando o entrelaçamento é rompido, o ego petrifica (ADORNO, 1985,p 176)

A noção de petrificação parece ser apropriada para a situação de Luís da Silva, tanto em termos da carência de ações, principalmente quando assume, segundo, Luís Bueno (2006), uma atitude de *vouyer* ao longo da toda narrativa, isto é, uma visão distanciada e estática do mundo, quanto pela carência de razões para os seus atos, mau refletidos, impensados, denunciadores de insulamento.

Embora isolado moralmente, a relação com o social nunca será completamente apagada do sujeito, assim, entramos na segunda premissa adorniana: a frieza e violência das relações de sociabilidade. Nesta situação, parece ser ainda mais marcante a tendência progressiva a veemente ruptura de Luís da Silva com quem está ao seu redor, com quem tem relações minimamente cordiais.

Os casos de indigestível relação ocorre inicialmente com d. Vitória, devido a violação de suas economias, enterradas no jardim. Mesmo ao depositar o valor retirado na noite anterior, Luís acrescenta dinheiro a mais e o “céu de Vitória, miudinho, onde grilos e formigas moravam, tinha sido violado” (RAMOS, 2009, p. 157), e a estima e consideração mútua abaladas. Luís tem consciência do que estava fazendo com Vitória desde a decisão de devassar o cofre, mesmo assim, não desistiu da investida. Afirma que “Não podia descansar, e a minha piedade era inútil. Levei desespero a uma alma que vivia sossegada. Toda a segurança daquela vida perdeu-se”(RAMOS, 2009, p. 157).

O segundo ente ao qual Luís desrespeita com menos sutileza e mais rispidez é seu Ivo. Andante que faz visitas esporádicas a casa de Luís, seu Ivo presenteia seu anfitrião com uma corda. Desgostoso com a vida e já com reminiscência da cobra que matou seu avô misturado a vontade de matar Julião Tavares, Luís investe agressivamente contra seu Ivo em duas sequências: “Desejei insultar seu Ivo. Pareceu-me que ele tinha vindo aqui mangar de mim. Não era justo. Empurrava a porta, entrava sem vergonha, nunca lhe faltou a bóia. Não me contive: -Caboclo Safado, Mau

agradecido.”(RAMOS, 2009, p.181) e “- Vá para o diabo. Aqui amolando! Eu tenho nada com você? Suma-se.” (RAMOS, 2009, p.188).

A violência e frieza das ações de Luís da Silva vão avançando para um estágio cada vez mais patológico. Na situação em que aborda Marina, justamente após ela ter saído da casa em que fez o aborto, aparece ser o apogeu do completo afastamento do mundo, Luís se encontra totalmente fora de si. O xingamento “Putá!” é pronunciado quatro vezes em um momento em que Marina está totalmente debilitada, física e moralmente. “Ataca-te com um deles. Tu só dás para isso. Atirei-lhe assim o pior ultraje. Como os pequenos militares são desprezados, julguei demolir Marina apontando-lhe os dois rapazes”(RAMOS, 2009, p.220). Luís chega a confessar que sente piedade de Marina, mas suas atitudes acabam não condizendo com tal pensamento.

Este acúmulo progressivo de desavenças com as pessoas do seu convívio evidentemente só aumenta ainda mais o isolamento social de Luís. Numa perspectiva adorniana, pode-se interpretar que esta auto-suficiência problemática de Luís reflete uma liquidação do indivíduo como uma resistência diante do tipo de relações de sociabilização que o mundo lhe oferece. Essa relação de distanciamento e envolvimento em Adorno, de fundo dialético, guarda em si uma situação existencial de aporia e prejuízos. Se para se livrar da imposição social a melhor forma de crítica ao modelo seja o isolamento, esse tipo de escolha condiz simultaneamente com a petrificação mencionada anteriormente. Adorno reconhece que esse isolamento exige uma criticidade intelectualizada, status que, como já apontamos através das ausências de finalidades e motivação, Luís da Silva não possui. Sem a reflexão do enredamento social, Luís culpa os indivíduos e a si mesmo. Como o isolamento adorniano só se torna benéfico a partir da auto-reflexão e as reflexões de Luís são distorcidas, traumatizadas, incompreensíveis, há uma inversão da função de isolamento adorniano, tornando-se assim maléfica, fria e violenta tanto para o sujeito quanto para o meio.

Para finalizar, à falta de metas e ao comportamento violento de Luís da Silva soma-se o anulamento pelo capitalismo. Esta última vertente está contida nas anteriores, mas merece um destaque a parte pela recorrência estrutural na narrativa. Seguindo esta linha, **Angústia** parece dialogar ainda com o romance anterior de Graciliano, **São Bernardo**, porém, numa perceptível inversão. A posição de Paulo Honório é ainda de privilégio social e de mantenedor das estruturas econômicas, ao inverso, Luís da Silva sofre com sua derrocada, tem consciência de sua marginalidade material. O que há em comum é que o sentimento de impedimento econômico está presente em ambos. Luís não suporta a condição bem-sucedida de Julião Tavares, seus costumes, seus trejeitos, seu porte físico, sua forma de impor a voz. Tudo isso é atribuído justamente pela sua capacidade e ostentação econômica. Tal pensamento tem seu ponto mais elevado no

momento em que percebe os agrados deste a Marina.

Marina era instrumento e merecia compaixão. D. Adélia era instrumento e merecia compaixão. Julião Tavares era também instrumento, mas não senti pena dele. Senti foi o ódio que sempre me inspirou, agora aumentado.

Necessário que ele morresse. Julião Tavares cortado em pedaços, como o moleque da história que seu Ramalho contava. Logo me aborrecia da tortura comprida. Nojo, medo, horror e sangue.

Julião tavares morreria violentamente e sem derramar sangue.
(RAMOS, 2009, p.173)

O ódio que sente por Julião Tavares é o depósito de sua transferência do ódio que sente da posição privilegiada do mesmo e do ódio da própria condição. A preocupação com a administração do dinheiro escasso é incessante. Luís condena veementemente Moisés, amigo de quem toma empréstimos com reposição de valor inadiáveis. Condena também, como já mencionado, na sua perspectiva, as vaidades e futilidades da noiva Marina, que lhe deixa financeiramente esgotado. Não esquece os números de um bilhete de loteria gritado na rua. Causa-lhe ojeriza a forma como D. Vitória constrói sua poupança em cima dos seus trocados que deixa espalhados pela casa. Não consegue superar qualquer uma situação miúda. Enfim, entre a estagnação, o isolamento e a condenação pelo capital, há um entrelaçamento que remete a uma passagem da *Dialética Negativa*, de Adorno, em que se reproduz sumariamente a condição do sujeito moderno: “a pretensa angústia existencial exprime a claustrofobia da sociedade que se transformou em sistema”(ADORNO, 2009, p. 29). O personagem Luís da Silva acaba se mantendo em uma revolta participativa do mundo administrado, pois ao mesmo tempo que tem consciência desta nulidade social imposta pela questão econômica, participa contraditoriamente dela. A maneira também progressiva de execração da condição social torna insuportável tanto a posição de Julião, quanto a sua e dos seus mais próximos.

3. Considerações Finais

A questão da progressividade para um desfecho caótico do romance *Angústia* está atrelada a todos estes fatores externos, muitas vezes apagados pela crítica em nome de uma abordagem histórica, existencialista ou psicanalítica. No entanto, as noções de isolamento, agressividade e repugnância à situação sócio-econômicas são fatores que ao longo do relato do narrador vão ganhando assim intensidade na mesma proporção que a condição de narrador começa a falhar. Ora, o cansaço, a bebedeira, a febre que o consome somados à situação de convalescença duvidosa do narrador – já que o final do romance leva a crer em um narrador debilitado – geram uma situação de narrativa muito similar as noções de fluxo da consciência. Se na visão do próprio Luís há uma condição

alinear da narrativa que se assemelharia a um narrador em parafuso, como bem aponta Carvalho, a parte final do romance seria a ponta do parafuso, em que todos os recortes, seja do narrador, seja dos eventos narrados, convergem a um ponto crítico de deterioração da percepção de mundo.

Referências Bibliográficas

ADORNO T. **Dialética do Esclarecimento**. São Paulo: Jorge Zahar, 1985.

_____. **Dialética Negativa**. São Paulo: Zahar, 2009

_____. **Minima Moralia**: reflexões a partir da vida lesada. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

BUENO, L. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp;. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

CARVALHO, L. H. **A ponta do romance** – uma interpretação de Angústia de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1983.

CANDIDO, A. **Ficção e confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro:34,1992.

MORAES, A. L. **Indivíduo e resistência**: sobre a anulação da individualidade e a possibilidade de resistência do indivíduo em Adorno e Horkheimer. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2004.

RAMOS, G. **Angústia**. São Paulo: Record, 2009.